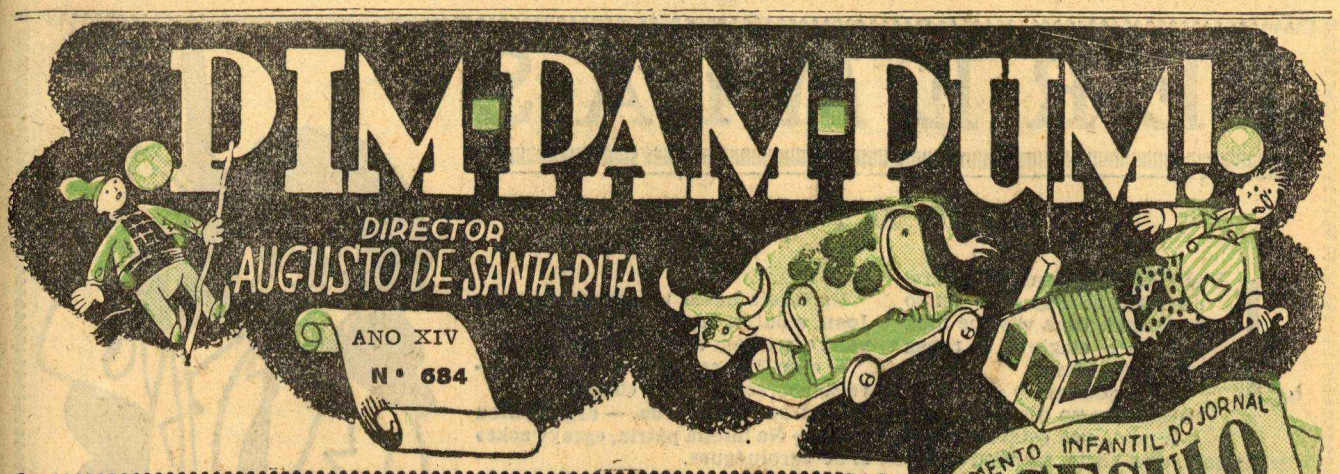
Lisboa, 9 de Março de 1939



OS DOIS IRMÃOS

Por MANUEL FERREIRA

O Mateus, naquela tarde, ao chegar da festa da senhora dos milagres, chamou os filhos, João e António, e disse-lhes:

— «Vou dar, para se entreterem, um bocado de terreno a cada. Ao António dou a fazenda dos Murtais e ao João a terreola da Ventosa. Adubos e semente dou eu, também. De hoje a um ano, quero ver os resultados.»

No dia seguinte, ainda nem o sol espreitava atrás da serra, já o João, com a enxada ás costas, assobiando, dirigia-se à Ventosa. Cavou, cavou, até ao sol posto, descançando apenas o necessário para almoçar o seu pequeno farnel.

Quando chegou o tempo próprio, semeou trigo. Todos os dias, com amoroso enlêvo, o rapazito ia ver a seara. Aí por Maio, começou a aloirar. Falou ao pai, que pôs à sua disposição os homens necessários para a ceifa.

Em Setembro já o trigo, em medas robustas, atulhava o celeiro. Então, o Mateus resolveu que a venda do trigo revertesse a favor do João.

Imediatamente, o rapaz foi comprar tudo que era necessário para nova sementeira.

* * *

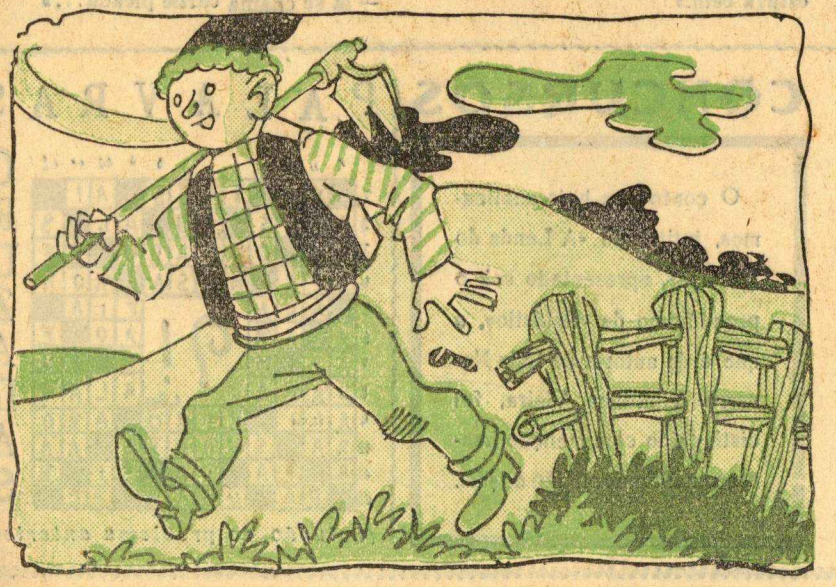
Quanto ao António, no dia seguinte àquele em que o pai lhe deu a fazenda dos Murtais, levantou-se tarde. Já o irmão cavava havia bastantes horas, quando, bocejando, se levantou. E, em vez de ír para a fazenda, foi para o adro da igreja jogar o pião com os outros rapazes.

Só daí a um mês se lembrou da terreola. Mas já era tarde para a sementeira e, assim, o trigo nunca mais amareleceu.

Só quando o João, satisfeito, entregava o resultado da colheita, o António viu a grandeza do seu desleixo.

Então, o Mateus resolveu dar os Murtais ao João. Mas o António tanto implorou, prometendo emendar-se, que o pai conservou-lhe a fazenda, a qual, no ano seguinte, estava tão próspera como a do João.

Anos depois, os dois irmãos, com as economias feitas, adquiriram largas fazendas, tornando-se os maiores proprietários da aldeia.



FIM

JEREMIAS

Por M. F.

JEREMIAS, o nosso inolvidável Jeremias, seguiu o curso comercial. Uma vez que uma vizinha o elogiava, o rapaz retorquiu, ufano:

— «É que tenho os miolos enjaulados no cérebro.»

A mãe, que estava a atender, na sala, uma visita, mandou o filho ver as horas.

Daí a pouco, Jeremias apareceu:

— «O relógio está parado.»

— «Pode lá ser! Ainda há pouco lhe dei corda.»

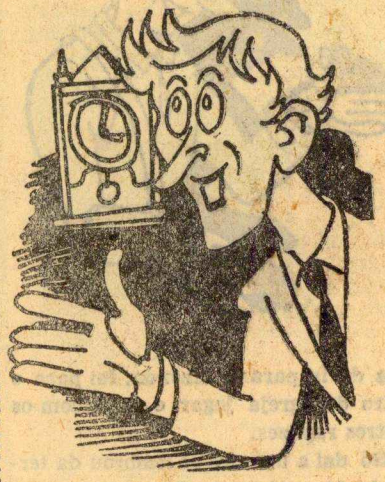
— «Pois olhe, mamã, que êle ainda está no mesmo sítio.»

*

Jeremias tinha um irmão. O padrinho deu-lhe um pêcego e recomendou-lhe:

— «Agora, divide isso com o David.»

— «Ora essa, padrinho. Cômo o miôlo e dou-lhe o caroço para êle fazer um assobio.»



*

Na escola havia um colega francês, Jean, e outro, inglês, John. No intervalo, discutiam acêrca da pronúncia:

— «Em França — disse Jean — escreve-se «bureau» e lê-se «biurô».

— «Isso não é nada. — argumentou John — Na minha pátria, «graywacke» lê-se «greiuéque».

— «Pois o português ainda é mais difícil. Escreve-se «Sebastião José d

Carvalho e Melo» e umas vezes lê-se «Conde de Oeiras» e outras «Marquês de Pombal.»

*

Num exercício de escrituração, John fez uma soma. Depois pediu ao Jeremias que a conferisse. O nosso herói assim o fez. O colega levou o exercício ao professor e êste abespinhou-se:

— «Então, John, engataste a soma! Com quem a conferiste?»

— «Com o Jeremias. Êle disse que estava bem.»

O professor chamou o Jeremias:

— «Conferiste esta soma?»

— «Sim, senhor professor.»

— «Então, que conferência fez você?»

Resposta do Jeremias:

— «Lá conferir, conferi; mas nunca me passou pela cabeça que a soma estivesse mal.»

*

Num exercício de aritmética, o professor ensina ao Jeremias os números quebrados:

— «Parta um bocado de carne em duas partes. Como se chama cada uma delas?»

— «Um meio.»

— «E em quatro?»

— «Um quarto.»

— «E se fôr em oito partes?»

— Um oitavo.»

— Bem. E em dezasseis?»

— «Nêsse caso — explicou Jeremias — já se chama carne picada...»

OS NOSSOS CONCURSOS

José de Oliveira classificado nos Concursos «Relampago»

Leninha Calado de Sousa classificada no concurso «A Bela Princezinha Adormecida»

O conto que hoje publicamos, intitulado «A Lenda do Deserto», apresentado sob o pseudónimo de «Salústio», e que é da autoria de Luiz Navarro Vilalobos Vieira, foi distinguido com menção honrosa na última reünião do júri.

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do problema anterior)

A LENDA do DESERTO

por LUIZ NAVARRO VILALOBOS VIEIRA

FUGINDO apressadamente aos soldados que os perseguiam, houve um momento em que Nossa Senhora e S. José julgaram poder, finalmente, mitigar a fome e a sêde que os atormentavam.

Desde a véspera que nada comiam, surgindo-lhes, portanto, aquele oásis no meio do deserto, como um milagre divino. Apressando o passo,—o burrinho que a Vírgem montava, na esperança de saborear, á falta de melhor, a folhagem de qualquer daquelas frondosas árvores,—em breve os fugitivos penetraram no pequeno bosque.

Mas ai! Os frutos seriam decerto muito frescos e saborosos, mas as árvores eram tão altas que ninguém os conseguiria alcançar. Subir a uma delas? Mas quem, se S. José era já tão vèlhinho! No meio do bosque uma palmeira débil e enfezada, erguia-se humilde entre as gigantecas árvores que a cercavam; junto dela se quedaram os caminhantes: S. José, desalentado, com a fronte apoiada nas mãos; o Menino adormecido; Nossa Senhora olhando o azul imaculado do céu e implorando um milagre de Deus, numa préce duplamente santa de Virgem Mãe.

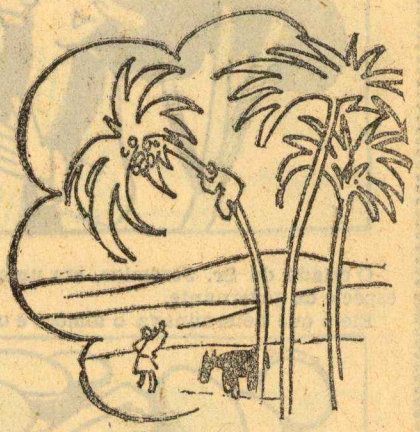
E o milagre deu-se. Pouco a pouco, gemendo de dôr, com as fibras dilaceradas por aquele esfôrço sem par, a pequena palmeira foi inclinando a sua copa para o chão, até S. José poder facilmente arrancar as tâmaras frescas que esta continha. Estavam salvos os seres humanos, mas ainda faltava o burrinho. Então, num derradeiro arranco, a palmeirita curvou-se tanto, para que esta pudesse alcançar a sua ramagem verdejante que, num estalar de agonia, o delgado e mirrado tronco se quebrou. Assim, a pequena palmeira que dera a sua vida para salvar quatro, ficou por terra, morrendo aos poucos, calcinada pelo sol abrasador.

Nessa tarde, antes de partir, abraçando a chorar o rugoso tronco da milagrosa árvore, Nossa Senhora murmurou:

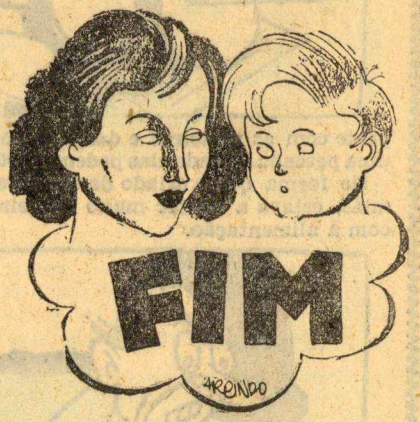
—«Eu te abençôo, árvore querida, entre as demais! Que só tu subsistas no deserto e nele imperes, pois apenas tu te inclinaste perante a nossa desdita. Que a tua ramagem, sempre verde, seja aquela que mais se aproxime do céu, e que os homens, saboreando os teus frutos preciosos, te amem, e louvem o Senhor que te criou.»

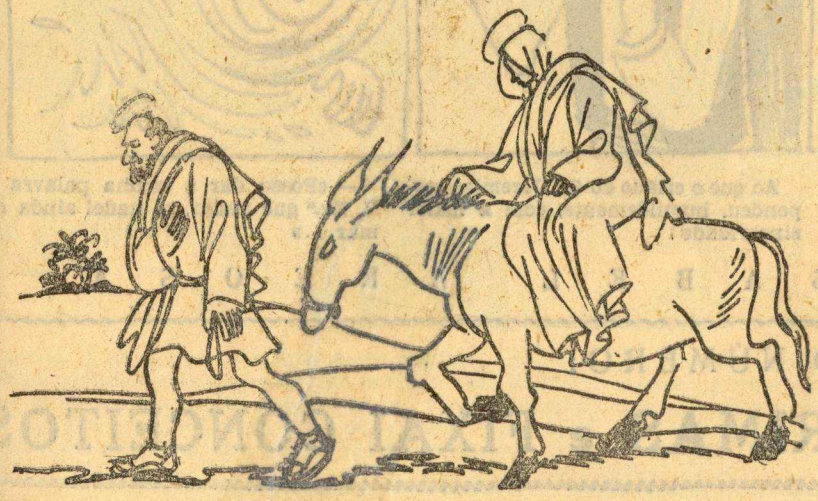
.....

Os anos rolaram. Tôdas as árvores do deserto morreram e há muito que os seus corpos mutilados foram devorados, para sempre, pelas areias escaldantes. Hoje a palmeira é bem a Rainha do Deserto, pelo seu porte altivo e pela piedosa missão de valer aos viandantes. Para ela são o primeiro e o último beijo do sol; para ela são as carícias da brisa perfumada, nas noites profundas e misteriosas de luar; é ela,



finalmente, entre todos os habitantes do deserto, aquela que, erguendo-se mais alto, está mais perto do Céu e, portanto, de Deus.





Anedotas

—«Que idade tens tu, Mimizinha?»

—«Tenho 8 anos.»

—«Já estás mais alta que a minha bengala.»

—«Mas quantos anos tem a sua bengala?»

*

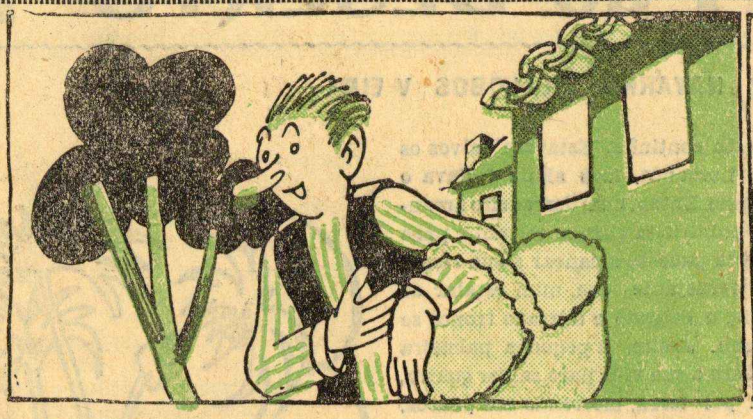
*

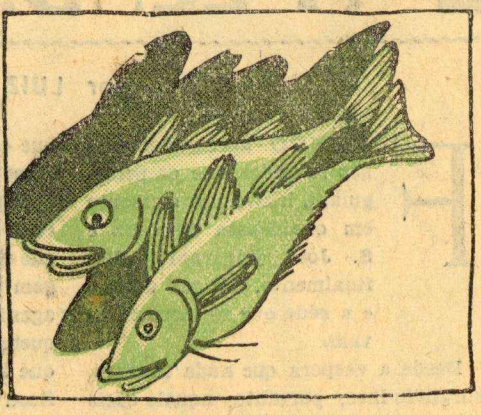
—«A minha boneca diz papá e mamã, abre e fecha os olhos...»

—«E não faz mais nada?»

—«Não; graças a Deus é muito asseadinha.»

O CRIADO DO SR. JEREMIAS

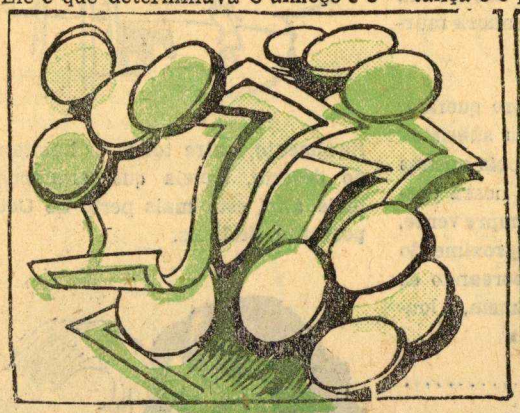


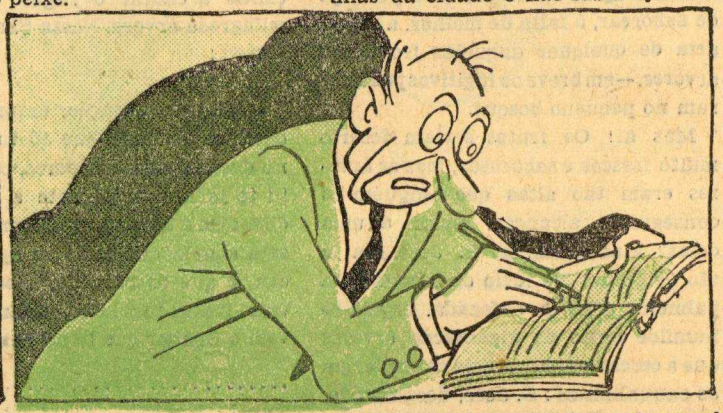


O criado do Sr. Jeremias, era uma espécie de governante.

Êle é que determinava o almôço e o jantar, fazia as encomendas para a mercearia e comprava a fruta, a hortaliça e o peixe.

Mas, como era um aldeão muito simplório e atadinho, não conhecia as manhas da cidade e não sabia ajustar o





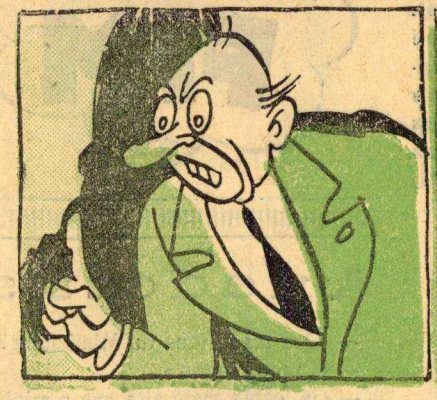
peixe com as peixeiras e dar 3$00 por uma pescada, quando elas pedem 16$00.

De forma que o criado do Sr. Jeremias, estava a gastar muito dinheiro com a alimentação.

Quando chegou ao fim do mês e o Jeremias fez as contas, verificou que a despeza da casa aumentara prodigiosamente, desde que o seu criado fazia as compras.

Ficou muito zangado e, chamando o seu criado, deu-lhe uma grande descompostura, terminando por lhe dizer:

— «Você, assim, a gastar rios de di-



nheiro, parece que não sabe dar-lhe o devido valor e que foi habituado a nadar na opulência!»

Ao que o criado do Sr. Jeremias respondeu, humildemente, com a maior sinceridade:

— «Posso dar a minha palavra a V. Ex.ª que nadar, só nadei ainda no mar...»

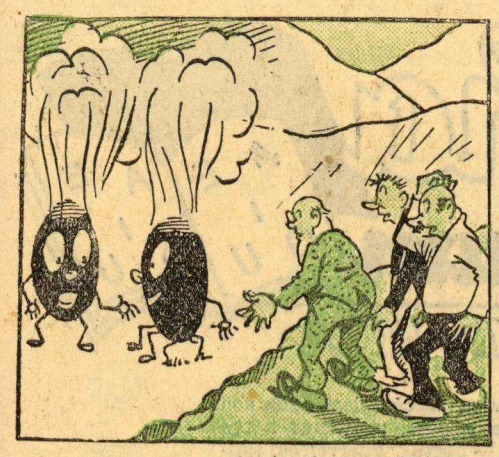
Por ISABEL AREOSA

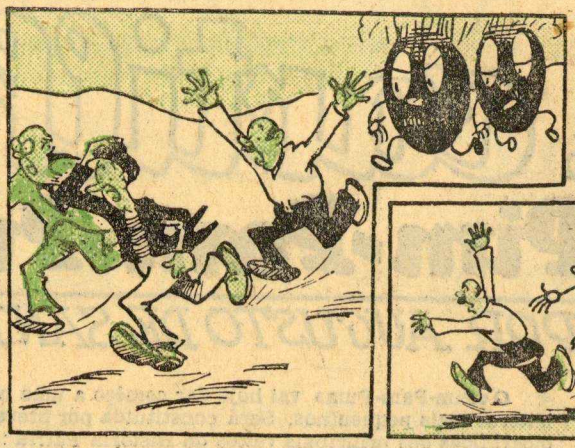
VÊR NO PROXIMO NÚMERO:

ENCONTRAI RIMAS e FIXAI CONCEITOS

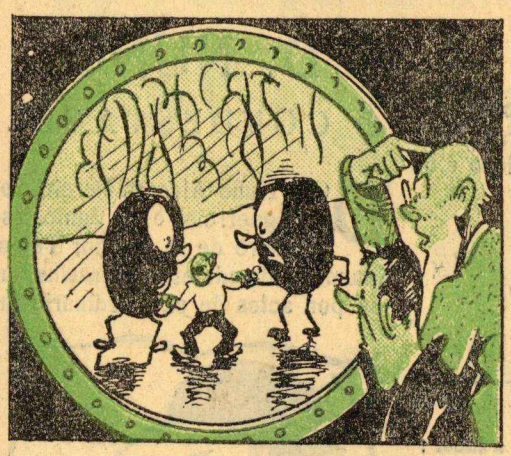
VIAGEM AOS PLANETAS

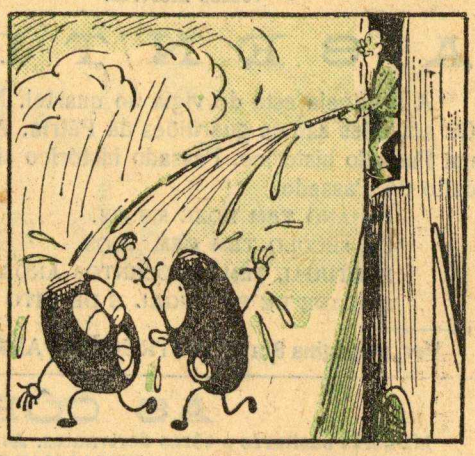
Chegada a VÉNUS





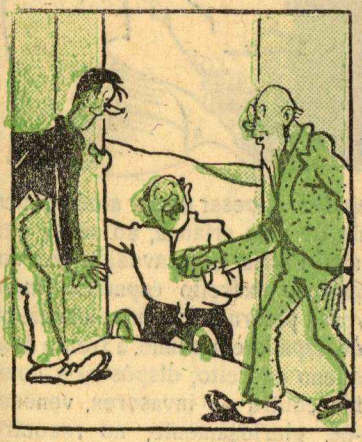
Os três amigos foram-se aproximando e ficaram assombrados quando viram que o fumo provinha de dois entes estranhos, habitantes do quente planeta, que deitavam fumo e fogo, como dois carvões incandescentes. «Papa-Tudo», «Passa-Fome» e o dr. Sabão não saíam do seu espanto, quando foram descobertos pelos mercurianos. Cheios de terror, começaram a fugir em direcção à bala e, a-pesar dos seus corpos serem mais leves, *visto o planeta Mercúrio ser muito mais pequeno que a terra, pois só tem de diâmetro 5.300 km.*, foi-lhes impossivel correr mais que os persegui-

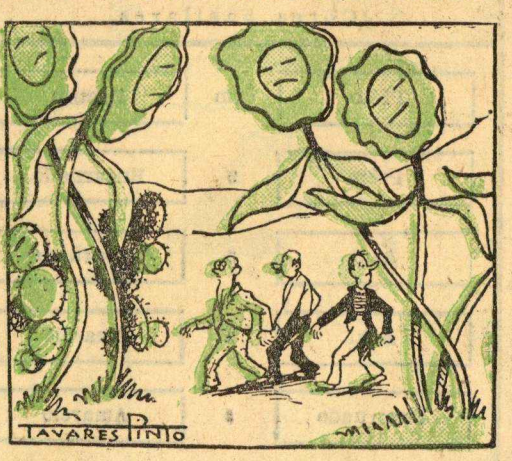




dores, não tardando «Passa-Fome», o mais gordo, a ser apanhado. O Dr. e «Papa-Tudo», encerraram-se na bala e viram, através duma das vigias, o seu companheiro feito prisioneiro, a ser examinado pelos mercurianos que estavam, decerto, muito admirados do feitio esquisito do «Passa-Fome».

Entrementes, o Sábio teve uma estupenda idéa; foi aos armários da sucata e trouxe de lá uma mangueira que ligou ao reservatório da água da bala. Abriu em seguida a porta e pregou nos habitantes de Mercúrio um banho de agulheta, que os fez fugir, quási... apagados. Ajudou, em



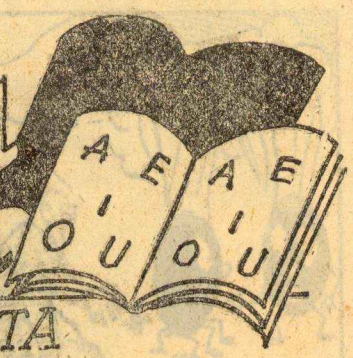


seguida, a subir o pobre companheiro que, por sorte, não tinha nenhuma queimadura e fez partir a bala daquelas inóspitas regiões, em direcção a *Vénus, o mais brilhante de todos os planetas, e cujo tamanho é quási igual ao da terra, pois esta mede de diâmetro 12.732 quilómetros, sendo o daquele planeta de 11.900.* Assim que aterraram, os três amigos saíram da bala e começaram explorando aquele astro, sem precauções nenhumas, embrenhando-se numa misteriosa e gigantesca vegetação.

De súbito...

(Continua no próximo número)

A cartilha do Pim-Pam-Pum



POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

O «Pim-Pam-Pum» vai hoje dar começo a uma nova secção, destinada aos leitores mais pequeninos. Será constituida por breves noções, pequenas notas biográficas dos principais vultos da História Pátria: — poetas, guerreiros, santos — e de pequenas construções para armar.

Não tem esta resumida secção pretensões pedagógicas mas, apenas, o objectivo de recrear o espírito em formação dos nossos amiguinhos, proporcionando-lhes algumas noções úteis e entretenimentos manuais, em que serão secundados, com grande vantagem e aproveitamento, pelos vossos papás ou vossos mestres.

A SENTINELA

A sentinela está de vigia ao quartel. No quartel dormem os soldados. Os soldados são os guardiões da Pátria. A Pátria é a sagrada herança de um Passado histórico. Passado histórico significa Tradição. Tradição é o culto do Passado.

UM ANO TEM DOZE MESES.
UM SÉCULO TEM CEM ANOS.
PORTUGAL TEM OITOCENTOS ANOS.
A IDADE DE PORTUGAL É DE OITO SÉCULOS.

Ver, na página 8, a CONSTRUÇÃO PARA ARMAR.

AS CÔRES

Há côres basilares e côres derivantes. As côres basilares são cinco, a saber: — PRETO, BRANCO, AZUL e ENCARNADO.

Com a mistura das côres basilares, obtêm-se as côres derivantes e com a mistura das côres derivantes obtêm-se muitas e variadas tonalidades ou cambiantes.

Assim, por exemplo:

Côres basilares			Côres derivantes	
Prêto	com	Branco	dá	Cinzento
Prêto	»	Encarnado	»	Castanho
Azul	»	Encarnado	»	Roxo
Azul	»	Amarelo	»	Verde
Encarnado	»	Amarelo	»	Laranja
Encarnado	»	Branco	»	Côr de Rosa
Amarelo	»	Prêto	»	Verde Escuro

D. NUNO
O CONDESTAVEL

DOM Nuno Alvares Pereira foi um guerreiro e um Santo. Escudeiro de D. Leonor Teles, quando ainda adolescente, assinalou-se por actos de extraordinária in-

trepidez. A-pesar de ser ainda pouco mais de uma criança, ao saber que a sua Pátria fôra invadida por um numeroso exército espanhol, fugiu da casa paterna, armou-se cavaleiro e, de espada em punho, à frente dum pequeno exército, dispôs-se a combater contra os invasores, vencendo-os, gloriosamente, no recontro dos Atoleiros e, um ano depois, nos campos de Aljubarrota. D. João I, que já o nomeara Condestável, encheu-o de honrarias e mercês.

Depois da expedição de Ceuta, em 1415, renunciou a todos os seus

A CABRA-CEGA (CONTO HIEROGLIFICO)

1 dia um estava puxando à com os tapados 2 meninos que estavam na brincuidaram que êle tinha os ven para brincar à cega. Tiraram-o da e brincaram os 3

títulos e cargos, repartiu os seus imensos bens e recolheu-se ao Convento do Carmo, que fundara em Lisboa e onde acabou seus dias em cheiro de Santidade no ano de 1431.

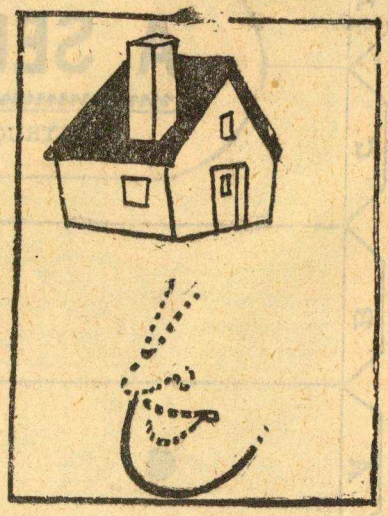
IMPÉRIO PORTUGUÊS

A nossa Pátria não é só Portugal. A nossa Pátria não é apenas o que está indicado no mapa; desde o Minho ao Algarve. É muito maior, é muito mais; pois, além do que êsse mapa indica, a nossa Pátria é, ainda, formada por várias ilhas e importantes colónias, situadas em diversas partes do mundo. Pelas ilhas, riquíssimas e encantadoras da Madeira, dos Açores, de S. Tomé e do Príncipe, pelos continentes africanos de Angola e Moçambique e pelas possessões orientais: — Índia portuguesa, Macáu, Timor, etc.

Portugal e tôdas estas terras é que formam a nossa Pátria, que é um GRANDE IMPÉRIO.

FIM

ENIGMAS PITORESCOS



A SENTINELA
CONSTRUÇÃO PARA ARMAR